

## UMA BREVE PASAGEM SOBRE A HISTÓRIA DA LOUCURA

Por Isaac Tavares e Sousa<sup>1</sup>

A loucura sempre perseguiu a humanidade em sua trajetória histórica e, a sua leitura e interpretação, sempre acompanhou as percepções de cada época. Em função disso, a atitude como uma sociedade reage a ela depende, em grande parte, dos valores relacionados à vida e ao comportamento humano, em relação aos parâmetros instituídos como normalidade. No antigo mundo dos egípcios, babilônicos, hebreus, árabes e hindus (mais especificamente os textos Vedas) acreditava-se que a loucura e as doenças eram ações sobrenaturais dos deuses e demônios. Antes, os antigos chineses afirmavam que a insanidade era causada por possessões demoníacas. Em algumas destas culturas a loucura acompanhada de delírios e alucinações era uma manifestação sagrada; por isso, os ensandecidos pela loucura eram tidos como emissários dos deuses. Tal percepção não foi diferente entre os Antigos gregos e romanos. A primeira explicação empírica e fisiológica sobre a loucura, de considerá-la não como uma causa sobrenatural, porém, de ordem natural é atribuída a Hipócrates (460-377 d.C.)<sup>2</sup>, considerado o pai da Medicina. Ele criou com base nos líquidos corporais, a teoria dos quatro humores: *bílis negra* (em excesso causaria a depressão), *bílis amarela* (em excesso resultaria em ansiedade), *fleuma* (o elevado nível de fleuma causaria um temperamento preguiçoso) e *sangue* (o excesso de volume sanguíneo provocaria oscilações no humor). Segundo Hipócrates, estes líquidos em desequilíbrio eram os responsáveis pelas doenças mentais; acreditava que estas provinham de algum transtorno no cérebro relacionado aos líquidos. Ainda hoje muitos psicólogos credenciam as ideias de Hipócrates, considerando-a útil, entretanto muito limitada. Na Idade Média, novamente a loucura categorizou-se como sendo de origem demoníaca, pelo fato de a religião romana cristã possuir todo o domínio da sociedade europeia – ainda nos dias atuais os estados de insanidade são atribuídos, por alguns movimentos religiosos, às ações demoníacas. Ocorreu assim, um retorno ao sobrenatural, na medida em que os

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia (Cambridge International University), Mestre em Educação (Universidade Católica de Brasília), Psicopedagogo e Especialista em Educação Especial (Universidade São Judas Tadeu - SP), Psicanalista Clínico (Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil), Orientador Educacional (Universidade Católica de Brasília) da SEEDF e palestrante. Foi docente por mais de dez anos na Universidade Católica de Brasília.

<sup>2</sup> Conf.: HOLMES, David S. *Psicologia dos Transtornos Mentais* (p.26). Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997 e SILVA, Valmir Adamor da. *A História da Loucura: Em Busca da Saúde Mental* (pp. 25-27). Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint (Ediouro), 1979.

considerados possuídos pelo demônio eram torturados, apedrejados e exorcizados com barbáries. Inúmeros foram levados às fogueiras da Inquisição (no período medieval nos séculos XIII e XIX e a versão moderna em Portugal e Espanha, do século XV ao XIX) <sup>3</sup>, principalmente as mulheres nomeadas de agentes do demônio ou bruxas. Para auxiliar a caça às bruxas a Igreja publicou em 1486 (há fontes que datam 1478) o manual *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Feiticeiras)<sup>4</sup>. Durante a Idade Média a ideologia religiosa era um fator dominante que resultava em uma sociedade submetida à vontade divina. Assim, os pobres, os desajustados e loucos perambulavam pelas cidades – visto que, esta era a vontade de Deus – à sorte de algum tipo de socorro. Havia, portanto, um sentimento de exclusão na sociedade medieval – e isso não mudou na sociedade atual –, como a prática de embarcar os loucos em navios sem destino, a vagar de cidade em cidade ou naufragar, ou perder-se mar adentro. A pintura, “A Nau dos Insensatos”, no crepúsculo do século XV, do holandês Hieronymus Bosch (1450-1516) retrata claramente este costume. Foucault, em sua obra “A História da Loucura” explora o clima literário e romântico e a realidade da imagem de Bosch, em torno da “Stultifera navis” (a Nau dos Loucos) <sup>5</sup>.

Existe todo um simbolismo retratado no imaginário da “Nau dos Loucos”; dois polos: os sábios loucos, divergentes sociais, sonhadores e intelectuais e os loucos que sintetizam os transtornos psíquicos humanos irreconciliáveis com a realidade. Estes loucos eram os passageiros da libertação ou da agonia, mas tinham um comum destino. Assim Foucault traduz essa estranha amálgama na mesma viagem:

De um lado, haverá uma Nau dos loucos cheia de rostos furiosos que aos poucos mergulha na noite do mundo, entre paisagens que falam da estranha alquimia dos saberes, das surdas ameaças da bestialidade e do fim dos tempos. Do outro lado, haverá uma Nau dos Loucos que constitui, para os prudentes, a Odisseia exemplar e didática dos defeitos humanos.<sup>6</sup>

Compartilho a ideia que alguns dos leitores, inclusive este autor, poderíamos ser passageiros nestas Naus. Será que somos menos insensatos que aqueles? Ou estando em terra firme, em um porto seguro, não estaríamos prontos a julgar e dar o veredicto final para

---

<sup>3</sup> Ibidem, HAUGHT, pp. 59-68.

<sup>4</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Malleus\\_Maleficarum](https://pt.wikipedia.org/wiki/Malleus_Maleficarum). Acessado em 20 de julho de 2022, às 00 h 28 min.

<sup>5</sup> Conf.: FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura na Idade Clássica* (pp.24-28). São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 27.

embarcar e condenar pessoas de nosso convívio, principalmente as minorias, os diferenciados psicologicamente e socialmente? As conquistas cibernéticas da pós-modernidade, a proliferação holística do conhecimento e a intensa propagação religiosa não nos tornou melhores que os nossos primitivos irmãos medievais. Contudo, os valores da Idade Média, com governos centralizados, cavalaria e escolástica, começaram a ruir, pois profundas mudanças começaram a ecoar por toda a Europa, uma nova classe social despontava, graças ao renascimento comercial e urbano, a burguesia, que acabou por alicerçar as bases do Renascimento.

O Renascimento (século XIV ao século XVIII, aproximadamente)<sup>7 8</sup> que surgiu na Europa, foi um dos mais significativos momentos intelectuais da História da civilização, que assinalou a transição da cultura medieval – religiosa e teocêntrica – para a cultura moderna, laica e antropocêntrica, que promovia o humanismo e, sobretudo o individualismo. E, com a invenção da imprensa, por Johannes Gutemberg (1400-1468)<sup>9</sup>, em 1450, facilitou a difusão dos ideais renascentistas. Neste rico período de inigualável criação artística, estética, arquitetônica, filosófica, literária, poética e científica, a clássica cultura greco-romana foi restaurada e, com ela a centralidade do homem. Incorporou-se no Renascimento a celebre frase do sofista grego Protágoras (415-490 a.C.)<sup>10</sup>: “O homem é a medida de todas as coisas”, revela esta centralidade. Se torna solo, neste revolucionário cenário, entre outros lendários nomes, o de Leonard da Vinci (1452-1519). E não há como não se lembrar de sua magistral obra, o quadro da Monalisa, que ilumina o Louvre, na cidade das luzes. Porém, se destaca o “Homem Vitruviano” (14805)<sup>11</sup>, produção que contém as proporções humanas, realizada a partir da obra “De Architectura”, do arquiteto romano Marco Vitruvius Pollio (80-15 a. C.)<sup>12 13</sup>, na qual apresenta um raciocínio matemático acerca das proporções áureas do corpo humano; e, deste modo, deveria se seguir as medidas de todos os projetos de arquitetura – inclui-se o surgimento da perspectiva científica, que se tornou a base da forma de se projetar renascentista. Neste trabalho, à lápis e tinta sobre papel, Leonard da Vinci, expõe o espírito da época: a busca da ordem, relativismo e o ideal do humanismo. Ideal

---

<sup>7</sup> Conf.: PROENÇA, Graça. *História da Arte* (pp. 92-111). São Paulo: Editora Ática, 2010.

<sup>8</sup> Conf.: A HISTÓRIA DO HOMEM. Seleções do Reader's Digest (p.p. 228-247). Lisboa: Gráfica Santelmo, 1980.

<sup>9</sup> Conf.: Ibidem, p. 312.

<sup>10</sup> Conf.: PLATÃO. *Protágoras: Diálogo Sobre Sofistas Gênero Demonstrativo*. São Paulo: Editora Maltese, 1965.

<sup>11</sup> Conf.: FAZIO, Opt. cit., pp. 305,306.

<sup>12</sup> Ibidem, pp. 65, 66,73, 130.

<sup>13</sup> PEREIRA, José Ramón Alonso. *Introdução à História da Arquitetura* (pp. 72,73). São Paulo: Editora Bookman, 2010.

norteado pelo racionalismo, muito além da loucura. Com a valorização das letras gregas e latinas, ocorreu a fusão entre o paganismo e o cristianismo, constatado na literatura e pintura. Neste novo cenário o individualismo – subjetividade e o relativismo – provocaria uma busca à própria verdade; uma verdade que o louco não mais a possuía. Porquanto, a verdade do louco não mais era a verdade apregoada pelo humanismo clássico, pela centralidade da razão. Dentro deste contexto renascentista, final do século XVIII, no seu último período, Foucault salienta que:

Na loucura, o homem é separado de sua verdade e exilado na presença imediata de um ambiente em que ele mesmo se perde. Quando o homem clássico perdia a verdade, é porque era rejeitado para essa existência imediata onde sua animalidade causava devastação, ao mesmo tempo em que aparecia essa decadência primitiva que o indicava como originalmente culpado. Quando se falar agora de um homem louco, será designado aquele que abandonou a terra de *sua* verdade imediata, e que se perdeu.<sup>14</sup>

Contudo, com o enfraquecimento do feudalismo, juntamente com o desenvolvimento das cidades e o crescimento da violência o grupo dos desajustados, vagabundos, incluindo os loucos, passaram a ser vistos com desconforto e ameaça pela nova sociedade burguesa. Com isso, o valor religioso já não mais atendia a mentalidade capitalista, que se deslumbrava com as possibilidades da riqueza e do investimento material; a mentalidade da nova Europa não comportava mais os desafortunados e alienados. O esplendor cultural renascentista desta última fase, não ocultava os asilos que já existiam desde o século XV, e lá, os alienados – como eram vistos – eram “depositados”, sem qualquer escrúpulo, em condições precárias; muitos eram acorrentados à parede como animais. Enquanto outros eram acorrentados às bolas de ferro. Estes primeiros asilos se tornaram em um centro de diversão ao público como um *show*, até mesmo com ingressos. Uma dessas “casas” de horror, com tal empreendimento, foi o hospital *Saint Mary of Bethlehem*<sup>15</sup>, em Londres, que em 1547 se tornou em asilo. As correntes e o tratamento desumano aos alienados perdurariam por mais dois séculos, nos asilos da Europa, inclusive nos Estados Unidos. Na verdade, os asilos eram os antigos leprosários da idade Média. Foucault nos conta que a regressão da lepra se vincula com “(...) o fim das Cruzadas, da

---

<sup>14</sup> Ibidem, FOUCAULT, p.377.

<sup>15</sup> Ibidem, HOLMES, p.27.

ruptura com os focos orientais de infecção. A lepra se retira, deixando sem utilidade esses lugares obscuros (...).<sup>16</sup> No início os leprosários foram ocupados primeiramente pelos infectados de doenças venéreas, para posteriormente, serem povoados pelos incuráveis e insanos. E lá estariam não somente os insanos, mas, do mesmo modo, os vagabundos, os desajustados, os mendigos e os miseráveis; enfim, os que não eram absorvidos pelo Estado burguês.

Todavia, com a Revolução Francesa (1789) discussões acerca da liberdade, igualdade e fraternidade (ecos do Iluminismo) provocaram o entendimento de que a loucura era uma manifestação da irracionalidade que comprometia a moralidade. Os loucos não possuíam mais a verdade da razão. Isso significava que estes loucos (ou assim considerados) não podiam estar em liberdade, pois comprometeriam a ordem social burguesa; portanto, os asilos tinham que permanecer com suas correntes e camisas de força. Até então, como nos relata Foucault<sup>17</sup>, os asilos no século XVII, não possuíam um caráter de internação médica para tratamento, mas sim, uma espécie de confinamento para os desajustados e “possuídos”. Ainda, no final do século XVII e no alvorecer do século XVIII, as ideias de demonização dos alienados prevalecia. Sobre a prevalência de tais ideias Monteiro diz que:

Desde há muito tempo que os doentes mentais vinham sendo compreendidos como endemoninhados, e, assim sendo, eram repelidos do meio social, e nesta circunstância, passavam a viver solitariamente em lugares ermos, ou, quando sob controle, agrupados em asilos apropriados para esse fim. Muitas vezes esses párias, melindrados pela Igreja, acabavam nas mãos de “curadores”, “milagreiros”, enfim, os que se atreviam em considerar-se com forças espirituais suficientes para “expulsar demônios.”<sup>18</sup>

Foi neste contexto, na França, que surgiu Philippe Pinel (1745-1826), considerado o pai da Psiquiatria científica. Pinel foi um célebre médico parisiense, formado na Universidade de Toulouse<sup>19</sup> que antes de ingressar nos estudos de medicina estudou teologia – possivelmente os estudos teológicos tenha influenciado Pinel quanto ao seu senso filantrópico e humanista. Em Paris, Pinel dedicou-se à redação de artigos médicos para em

---

<sup>16</sup> Ibidem, FOUCAULT, p.5.

<sup>17</sup> Ibidem, pp.52-90.

<sup>18</sup> MONTEIRO, Janeme G. *Pinel o Pai da Psiquiatria Moderna* (p.83). São Paulo: Editora Edicon, 1990.

<sup>19</sup> Ibidem, pp.51-52.

seguida assumir em 1784 a direção da *Gazetette de Sauté*, neste período teria traduzido à obra “Elementos de Medicina Prática”, do autor britânico William Cullen.<sup>20</sup> Esta obra influenciou Pinel em suas pesquisa e atividades médicas. O reconhecimento de suas pesquisas no campo da alienação mental e seu desempenho científico, o levou à chefia da enfermaria do asilo de Bicêtre<sup>21</sup> para homens, de 1793 a 1795. Neste ambiente de horror e correntes, Pinel passou a compreender a importância de um tratamento digno e moral para os internos. Assim, Pinel iniciou o processo de libertação dos acorrentados de Bicêtre. Obviamente que o fato foi verídico, mas a História mitificou o nobre médico. Há indícios históricos que o ex-paciente Jean-Baptiste Pussim<sup>22</sup>, responsável pela segurança do asilo, juntamente com sua mulher, já havia iniciado o procedimento de abolição das correntes. Assim, Pinel deu prosseguimento à libertação, no período em que exerceu atividades neste estabelecimento. Além disso, em sua temporada em Bicêtre, Pinel realizou pesquisas médicas de caráter científico, que o levou à publicação da notável obra para o seu tempo: “Nosographie Philosophique ou Méthodo de l’analyse appliquée à la médecine” (*Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental*)<sup>23</sup>, publicado em 1798 a primeira edição. Nesta obra Pinel procurou fazer algum tipo de classificação das insanidades manifestas. Outras obras de caráter asilar foram publicadas por Pinel.

Posteriormente, em 1795, Pinel foi nomeado médico chefe do hospício feminino Salpêtrière<sup>24</sup> em Paris, onde permaneceu até a sua morte. Lá havia cerca de cinco mil internos em condições subumanas e, inúmeros destes estavam acorrentados como animais. Pinel, diante daquele cenário dantesco planejou humanizar o hospício como havia realizado em Bicêtre e, inicialmente, teria que banir o acorrentamento dos “pacientes”. Houve muitos empecilhos e ameaças, dado que Pinel atravessava um turbulento momento da Revolução, que era o período do *Terror*, na qual qualquer oposição às lideranças da revolução poderia levar à guilhotina. Apesar disso, Pinel não hesitou em banir as correntes daquele asilo e, assim, uma nova etapa humanística de tratamento se iniciou: os alienados precisavam de cuidados mentais e físicos e não de torturas e correntes; a loucura passava a ser entendida como uma doença, e não mais uma demonização. Por certo, os ideais do Iluminismo, sobre a liberdade, de alguma maneira tenham refletido em Pinel. Esta revolução nos asilos, semelhantemente, ocorreu na Grã-Bretanha, Alemanha, Itália, e em outros países da Europa

---

<sup>20</sup> Ibidem, p.77.

<sup>21</sup> Conf.: MOREL, Pierre. *Dicionário Biográfico PSI* (p.193). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

<sup>22</sup> Ibidem, pp. 198-197.

<sup>23</sup> Ibidem MONTEIRO, p.120.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 108 e MOREL, pp.193-194.

e, de igual modo, nos Estados Unidos. Paralelamente ao movimento de libertação dos alienados de Paris, na Inglaterra, William Tuke (1732-1822),<sup>25</sup> juntamente com os Quakers, instalaram no campo uma espécie de retiro para atender os pacientes de maneira humanística de orientação religiosa protestante. Nesta época, ademais, nos Estados Unidos, Benjamin Rush (1745-1813)<sup>26</sup> introduziu o tratamento humanístico. Ele foi o primeiro médico a publicar obras sobre a patologia mental. É tido como o pai da Psiquiatria americana. Notoriamente outros nomes se fizeram signatários na História da Psiquiatria, mas o nome de Philippe Pinel tornou-se emblemático. Portanto, a moderna Psiquiatria, como ciência da mente, nasceu a partir do movimento manicomial. Efetivamente, a compreensão da loucura diferenciada do desatino e de outros comportamentos de desvio social foi a partir da internação. Porquanto, passou a haver no início do século XIX o inquietante desafio, ocasionando o surgimento de teorias médicas sobre a loucura e o papel da internação. Neste espaço de conflito, passou-se a ter uma compreensão da loucura, ou melhor, o nascimento da Psiquiatria sob a influência do positivismo de Augusto Comte (1798-1857),<sup>27</sup> que possuía uma concepção mecanicista dos fenômenos da natureza, com suas leis objetivas e imutáveis. Logo, os fenômenos sociais, biológicos e mentais, deveriam ser analisados e entendidos da mesma forma. Sendo assim, a loucura deveria ser entendida como uma anomalia cerebral e que esta seria uma evolução natural. Portanto, na avaliação da loucura havia pouco espaço para uma reflexão subjetiva argumentativa. O nascimento da Psiquiatria para uma orientação positivista, não libertou o louco da internação, muito pelo contrário, uniu mais a relação asilar e loucura. Não era suficiente diferenciar o desvario da loucura, pois estes últimos teriam um destino certo. Foucault afere que:

O fato de haver tomado suas distâncias, de ter-se tornado enfim uma forma delimitável do mundo perturbado do desatino, não libertou a loucura; entre ela e o internamento estabeleceu-se uma profunda ligação, um elo quase essencial.<sup>28</sup>

Possivelmente esta relação, loucura e internação tenha motivado a construção de hospitais psiquiátricos por todo o mundo. E no Brasil não foi diferente; pois em 1830 os médicos do Rio de Janeiro exigiram a construção de um manicômio. Estes eram adeptos de

---

<sup>25</sup> Ibidem, HOLMES, P.27 e SERRANO, Alan Indio. *O Que é Psiquiatria Alternativa* (p.22). São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

<sup>26</sup> Ibidem, MOREL, pp.210-211.

<sup>27</sup> Ibidem, SERRANO, pp.26-27.

<sup>28</sup> Ibidem, FOUCAULT, p.399.

um tratamento moral e combatiam o confinamento dos alienados nas celas de cadeias públicas ou na Santa Casa de Misericórdia, no entanto, eram vozes solitárias diante da mentalidade cultural da época quanto aos que deveriam ficar asilados. Outros asilos surgiram nas principais capitais brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte. Todavia, devido às dificuldades próprias do bloco do terceiro mundo, como investimento cultural, econômico, médico, político e acadêmico as instituições psiquiátricas no Brasil se desenvolveram com modelos muito semelhantes aos da época de Pinel. Neste contexto se destaca o Hospício Dom Pedro II, o primeiro hospital psiquiátrico a ser construído no Brasil, no Rio de Janeiro. Em 3 de setembro de 1841 foi o lançamento da pedra fundamental.<sup>29</sup> A obra de arquitetura neoclássica foi concluída em 1852.<sup>30</sup> Os primeiros pacientes deste manicômio, vieram transferidos das enfermarias das Santas Casas de Misericórdia. E, assim, como em outras partes do mundo, a camisa de força, correntes, isolamento e outras formas desumanas de tratamento, era o que prevalecia, visto que, a História da psiquiatria manicomial sempre foi marcada por exclusão, violência e sofrimento. Por décadas o tratamento não mudou para os “alienados”, como eram denominados os internos do Dom Pedro II. Porém, na década de 1940 a psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999)<sup>31</sup> trouxe métodos humanizados de terapia, na qual revolucionou o tratamento psiquiátrico da época. A Dr. Nise da Silveira passou a dirigir a seção de terapia ocupacional em 1946, que perdurou até 1974. Silveira combatia os métodos desumanos de tratamento, como os eletroconvulsoterapias (eletrochoques), camisa de força, lobotomias entre outros métodos tão agressivos, comuns naquele período. Sua terapia se baseava na arte, criando ateliês de pintura e modelagem, a partir das obras dos pacientes mais diagnosticados com esquizofrenia. Silveira fora aluna do suíço Carl Gustave Jung (psiquiatra e psicanalista dissidente de Sigmund Freud). A abordagem de Silveira permitiu o acesso ao mundo interno enigmático do esquizofrênico, por meio de pinturas inusitadas produzidas por seus pacientes, com símbolos e temas recorrentes que se assemelhavam (paralelismo) aos encontrados na História da arte universal. Esta constatação levou Silveira aos arquétipos e ao inconsciente coletivo da teoria junguiana. De fato, houve uma arqueologia da mente com estes pacientes. Posteriormente, com as obras dos internos, Silveira fundou o museu de

---

<sup>29</sup> Conf.: <http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/hospicio.php>. Acessado em 27 de junho de 2022, às 15 h 01 min.

<sup>30</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hosp%C3%ADcio\\_Pedro\\_II](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hosp%C3%ADcio_Pedro_II). Acessado em 27 de junho de 2022, às 15 h 11 min.

<sup>31</sup> Conf.: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nise\\_da\\_Silveira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nise_da_Silveira). Acessado em 27 de junho de 2022, às 16 h 46 min.



Imagens do Inconsciente no Rio de Janeiro, em 1952<sup>32</sup>, em pleno funcionamento até os dias atuais. O trabalho de Silveira foi pioneiro, com profunda influência na atualidade, tanto na psiquiatria como na psicologia. Ela trouxe dignidade e individuação aos seus pacientes. Porém, mesmo com o impacto inovador da nova terapia, nem todos os asilados eram contemplados, independentemente dos esforços de Silveira, pois a mentalidade de muitos psiquiatras e diretores de manicômios da época, não somente no Rio, mas, por todo o país, ainda permanecia cativa aos modelos do período de Pinel.

Como trágico exemplo histórico temos, o hospício denominado de a “Colônia”, na cidade mineira de Barbacena, fundado em 1903, deixando de funcionar como manicômio no fim dos anos 80. Este hospício foi cenário de um holocausto vergonhoso na História manicomial brasileira. Podemos, paralelamente, de maneira simbólica, assemelhar a Colônia à celebre pintura de Bosch, “A Nau dos Insensatos” ou dos loucos. Se torna intrigante esse paralelo, pois apesar, já haviam se passados mais de cinco séculos, a história se repetiu, só que que agora em uma “Nau” em terra firme. Milhares perderam suas vidas de maneiras o mais desumana possível.

Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornaria incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes de seus casamentos. Alguns eram apenas tímidos.<sup>33</sup>

A condição dantesca e contínua, com requintes do mundo medieval, em uma sociedade que parecia não ouvir o suplício dos “condenados”, manifesto em pleno século XX, assim era executada a barbárie pelos verdugos da Colônia:

Homens, mulheres e crianças, às vezes comiam ratos, bebiam esgoto ou urina, dormiam sobre o capim, eram espancados e violados. Nas noites geladas da serra da Mantiqueira, eram atirados ao relento, nus ou cobertos apenas por trapos. Incisivamente faziam um círculo compacto, alternando os que ficavam no lado de fora e no de dentro, na tentativa de sobreviver. Alguns não

---

<sup>32</sup> Conf.: Arqueologia da Mente: Exposição Museu de Imagens do Inconsciente. Brasília: Conjunto Cultural Caixa, s/d.

<sup>33</sup> ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro* (p. 14). São Paulo: Editora Geração, 2013.

alcançavam as manhãs. Os pacientes da Colônia morriam de frio, de fome, de doença. Morriam também de choque.<sup>34</sup>

Todavia, com a evolução da própria Psiquiatria e o surgimento da psicologia científica e da Psicanálise, a loucura passa a ser avaliada com contornos da psicopatologia – como uma nosologia passível de classificação – e da anatomia cerebral. Ainda, o desenvolvimento da Psiquiatria, além de Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Gustave Jung (1875-1961), com a Psicanálise, embora dissidentes, outros nomes devem ser lembrados como: Anton-Franz Mesmer (1734-1815), com a proposta de cura pelo magnetismo e hipnotismo (Mesmer acreditava que os distúrbios comportamentais eram derivados dos líquidos magnéticos do corpo); Jean-Martin Charcot (1825-1893) que prosseguiu com profundas reformas em Salpêtrière e ali Freud foi seu discípulo; Eugen Bleuler (1857-1939), psiquiatra suíço que introduziu o termo esquizofrenia e o médico alemão Karl Jaspers (1883-1969)<sup>35</sup>, que se destacou por percorrer os grandes temas da inquietude humana, com incomparável habilidade filosófica. Temas como o saber filosófico, religião, política, metafísica, fenomenologia, história, Psicanálise e principalmente a medicina psiquiátrica, com o objetivo de compreender o homem em sua totalidade. Jaspers sistematizou as teorias da psicopatologia com a obra “Psicopatologia Geral”<sup>36</sup>, inicialmente escrita em 1911, com seguidas novas edições revisadas pelo autor – uma das últimas revisões de sua vasta obra ocorreu em 1959 –, tornou-se fonte permanente de referência, inclusive na atualidade. Somente então, após séculos de obscuridade, demônios, exorcismos, crueldade e fogueiras, décadas de empirismo e sofrimento, de Naus, de correntes até o surgimento da modernização do acolhimento terapêutico e medicamentoso aos indivíduos classificados com transtornos mentais, descobriu-se que havia um sujeito que padecia perdido, em seu inconsciente, escondido em sua estrutura cerebral. Conseqüentemente, o estudo da insanidade humana levou ao surgimento de associações psiquiátricas por todo o mundo, contribuindo para o nascimento de uma organização mundial que se preocupasse com a saúde integral do homem, como é o caso da Organização Mundial de Saúde (OMS), fundada em 7 de abril de 1947, Genebra, Suíça. Contudo, toda a evolução psiquiátrica e farmacológica, e mesmo o surgimento da OMS – ou outras associações destinadas à saúde

---

<sup>34</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>35</sup> Conf.: HERSCH, Jeanne. *Karl Jaspers* (pp.8-13). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

<sup>36</sup> Conf.: JASPERS, Karl. *Psicopatologia Geral: Psicologia Compreensiva, Explicativa e Fenomenologia* (vol.1 e 2). Rio de Janeiro e São Paulo. Editora Livraria Atheneu, 1979 (2ª edição).

mental –, não livrou do destino cruel e do inferno da vida manicomial os excluídos da “normalidade” social, como é o caso do hospício Colônia, entre tantos outros. Para aludirmos, com o mesmo funesto perfil da Colônia de Barbacena, foi fechado definitivamente no Rio de Janeiro, a Colônia Juliano Moreira, hospício manicomial<sup>37</sup>, em 27 de outubro de 2022, que estava em atividade desde 1923; uma vitória para a reforma psiquiátrica brasileira, que teve o seu marco no ano de 2.001. Consta-se que este seria o último do país; mesmo com as denúncias que expuseram a colônia de Barbacena, este ainda perdurou por décadas. A providência de seu encerramento, foi tarde demais. Outras “Colônias” pulverizaram o Brasil, por mais de um século, como estas citadas que, em suas atividades, sempre se assemelharam aos campos de concentração de Auschwitz ou Dachau, na Alemanha nazista. Tivemos o nosso próprio holocausto.

---

<sup>37</sup> Conf.: <https://outraspalavras.net/outrasaude/o-fim-da-colonia-juliano-moreira-e-a-historia-de-luta-da-reforma-psiquiatrica/> Acessado em 15 de novembro de 2022, às 16 h e 10 min.